

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

A Campanha pró-Missões

Estão preparadas as revistas das missões. Necessitamos colocá-las nas mãos do público. Aqui está um óptimo meio para entrar em contacto com milhares de pessoas. A maneira como nos apresentarmos, o que dissermos, o que fizermos pode ter efeitos para a vida eterna ou para a morte eterna. Quem não encare êste trabalho como meio de levar o nome de Jesus e o conhecimento do Grande Movimento Adventista aos nossos compatriotas deve deixar-se ficar em casa. Acima de tudo, a Campanha das Missões é um grande esforço missionário e de evangelização. Sairão as revistas e ainda maior quantidade de folhetos. Haverá palavras e pensamentos cujo resultado será visto naquêle Grande Dia de Deus Todo-poderoso.

É agora que devemos cantar: «Oh! onde os obreiros para trabalhar...». Todos podem fazer alguma coisa. Alguns serão capazes de colocar só uma revista e falar a uma só pessoa. Outros poderão colocar seis ou doze revistas e falar a outras tantas pessoas. Outros e outras poderão ainda dar semanas inteiras de esforço missionário.

Preocupemo-nos apenas com a boa apresentação do nosso trabalho missionário e Deus se encarregará de abrir corações generosos e de fazer entrar na tesouraria da Sua Igreja os fundos para continuarmos a Sua missão.

Irmãos, façamos ràpidamente e com convicção o que tivermos de fazer!

A. DIAS GOMES

AVANCEMOS!

Uma das mais lamentáveis fraquezas da natureza humana é a tendência para o cansaço no bem-fazer. Esta tendência manifesta-se tanto nas vidas individuais, como em agrupamentos. Muitas causas nobres faliram e morreram porque os seus promotores se cansaram e abandonaram a empresa.

A história da raça humana fornece-nos um lamentável relatório de fracassos desta espécie. A história sagrada revela o triste facto de que o próprio povo de Deus não foi isento desta fraqueza. Entre os filhos de Israel, muitos esperançosos movimentos de reforma pereceram porque o povo perdeu o seu zelo, e voltou ao pecado e à idolatria.

Na igreja cristã cêdo se revelou êste mesmo mal. O apóstolo Paulo derramou amargas lágrimas por causa da instabilidade de muitos dos seus convertidos. «Ó insensatos Gálatas», exclamava êle, «quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade?» E escreveu à mesma igreja: «Maravilho-me de que tão de-pressa passásseis daquele que vos chamou». E através dos séculos, a igreja não tem cumprido a sua missão, uma e outra vez, por falta de fé e energia para continuar firme no serviço do Senhor.

O nosso próprio século e geração sofreu também desta mesma fraqueza humana. Temo-lo visto no mundo como na igreja. Reformas civis, movimentos de temperança, reavivamentos de igreja e reformas religiosas que começaram bem, e que deram promessas de resultados maravilhosos, têm-se muitas vezes frustrado porque os responsáveis por êsses movimentos perderam o interêsse e abandonaram a luta.

Quando consideramos êstes factos, os nossos corações enchem-se de solene consideração. Problemas que enchem as nossas almas de ansiedade pesam sobre nossas mentes. Somos levados a perguntar se nós, para quem chegou o fim do mundo; se nós a quem foi confiada a solene responsabilidade de levar a última mensagem de Deus a um mundo pecador, estamos desfalecendo na tarefa que nos foi dada por Deus! Depois de ter provado a doçura e a alegria da salvação, e depois de ter edificado a obra com tanto esforço e sacrifício desde o seu pequeno início até às proporções actuais, perderemos o nosso entusiasmo e cessaremos os nossos esforços? Agora que temos chegado às próprias fronteiras da terra prometida, havemos, como o antigo Israel, de voltar de novo para o de-

serto? Que Deus o não permita! Não podemos! Não devemos!

Ainda que sujeitos a tôdas as fraquezas da carne humana, necessitamos de não ser vencidos por elas. Temos poder em Deus para vencer tôda a fraqueza da carne. Podemos triunfantemente dizer: «Tudo posso naquele que me fortalece, Cristo Jesus». Uma firme fé em Deus dar-nos-á a vitória sobre o mundo e sobre a carne. Todos os poderes do inferno reunidos não poderão vencer o mais humilde cristão que põe tôda a sua confiança no Senhor. Tôdas as agências do mal, visíveis e invisíveis, não podem fazer fracassar os nossos esforços, enquanto conservarmos os nossos olhos fixos firmemente no eterno alvo e caminhar-mos para a frente pela fé.

A história não só nos fornece uma lista de pessoas que se cansaram de fazer bem. Dá-nos também um gloriosa galeria de homens e de mulheres que permaneceram firmes como rochas eternas, e que pela fé em Deus prosseguiram de vitória em vitória até que a sua carreira terminou. O capítulo onze de Hebreus apresenta-nos uma longa lista de homens e mulheres de Deus que sob as mais probantes e desanimadoras circunstâncias realizaram coisas maravilhosas pelo Senhor. O que êles fizeram, podemos nós fazer. Deus não faz aceção de pessoas.

Irmãos e Irmãs, êste não é um tempo para nos cansarmos. Não estamos num tempo em que esmoreçamos nossos esforços. Agora que já quasi podemos ver a aurora da manhã doirada despontando através das trevas da última hora da longa noite do pecado, não podemos deixar-nos cair pelo caminho. Pelo contrário, é tempo de despertar do sono. É tempo de nos revestirmos com a armadura de Deus. É tempo de agirmos. Levantemo-nos e avancemos!

A. V. Olson

ATENÇÃO

Para qualquer assunto a tratar com o Director da União, Pastor A. Dias Gomes, dirigir-se à Sede do Movimento em Portugal, na Rua Joaquim Bonifácio M. A., onde se encontra actualmente o seu escritório.

Um reconfôrto na hora presente

Não é muito fácil hoje ter acesso, no continente, aos jornais publicados na Inglaterra. E todavia as revistas mais espalhadas chegam ainda às grandes bibliotecas da Suíça. Certos jornais de opinião continuam igualmente à disposição dos leitores. Os números são de data atrasada; mas não importa, a documentação lá está.

Entre os jornais ingleses de opinião, o *Catholic Times* de Londres é um dos mais apreciados. A redacção do jornal é feita com um cuidado extremo, e a sua documentação é tirada de fontes seguras. Êste último facto dá uma importância maior aos extractos que apareceram nas colunas do jornal há tempo sob o título: «A última carta escrita pela imperatriz da Rússia». Essa carta foi escrita quando a imperatriz e a família imperial estavam prestes a sofrer a pena capital na Sibéria. Eis, entre outras coisas, o que a czarina escrevia:

«Tivemos de sofrer muitas humilhações, mas Deus em sua misericórdia infinita não abandona os seus filhos. Ajoelhemos em sua santa presença para o adorar e para lhe pedir perdão por nossos pecados. Que êle nos perdoe a todos e perdoe a todos os homens, mesmo aos que deixaram o hábito da oração.

«Como exprimir-vos o que se passa no fundo da minha alma neste momento? Enche-a uma alegria indescritível. A língua humana é impotente para traduzir o meu pensamento íntimo. Não cesso de louvar a Deus, de lhe agradecer, de lhe dizer todo o meu amor».

Êste extracto de carta não tem apenas um valor histórico, pois que revela o amor cristão de uma alma em angústia. O seu interesse aumenta ainda quando se sabe que a czarina possuía, nos últimos anos da sua vida, um exemplar do *Ministério da Cura* pela Sr.^a White¹. Um membro de nossa igreja na Rússia conseguira fazer chegar às suas mãos o livro algum tempo antes de ela trocar o palácio pela prisão e exílio. A imperatriz enviara umas palavras de agradecimento pelo livro, dizendo ao mesmo tempo que o ia ler. Não é pois muito provável que em face de uma sorte cruel ela traçasse as linhas de confiança que acabamos

de ler, depois de se ter inspirado em certas passagens do *Ministério da Cura*? Penso por exemplo na passagem em que se trata das águas amargas de Mara, que se tornaram doces com um ramo de certo arbusto que ali estava perto. Em relação com êste incidente eis a mensagem de *Ministério da Cura*:

«Em tôda a provação, se a Êle recorreremos, Cristo prestar-nos-á auxílio. Nossos olhos abrir-se-ão para discernir as promesas de cura contidas em sua palavra. O Espírito Santo ensinar-nos á como nos apropriar de cada bênção que será um antídoto para a dôr. Para cada amargo trago apresentado a nossos lábios, encontraremos um ramo que nos trará a cura...

«Em tôdas as situações, se fôrmos cumpridores da Sua palavra, teremos um guia para dirigir o caminho; seja qual fôr nossa perplexidade, teremos um seguro Conselheiro; seja qual fôr nossa tristeza, privação ou isolamento, teremos um Amigo que sofrerá connosco». (*Saúde do Espírito*, p. 94, 95).

Sem dúvida nunca chegaremos a saber tôdas as influências que contribuíram para fortalecer a fé desta pobre vítima da Revolução. Mas o que é certo é que ela se apoderou das promessas de Deus e achou «a paz que excede todo o entendimento» (Fil. 4:7). Parece-me impossível que *Ministério da Cura* tenha sido inteiramente estranho a esta bela atitude. Talvez dia após dia o livro tenha falado ao coração da imperatriz. Em todo o caso, que mensagem de reconfôrto se encontra no parágrafo seguinte para quem se encontra em face da prova da morte:

«Entre todos os dons que o céu pode conceder aos homens, a comunhão com Cristo em Seus sofrimentos é o que traz maior pêsso de esperança e mais elevada honra. Nem Enoch, que foi trasladado ao céu, nem Elias, que subiu num carro de fogo, foram maiores nem mais honrados do que João Baptista, que pereceu, sòzinho, num cárcere. «A vós vos foi concedido em relação a Cristo, não sòmente crer nêle, mas também padecer por Êle» (*Saúde do Espírito*, p. 121).

Mas se a Imperatriz da Rússia encontrou um reconfôrto num livro do Espírito de profecia, não devia suceder-nos o mesmo no meio da fôrnalha dos tempos presentes?

¹ *Ministry of Healing*. Êste livro encontra-se parcialmente traduzido em português, com o título: *Saúde do Espírito*.

O Problema do além na Etiópia

segundo os escritores Portugueses

São evidentemente conhecidas pelos leitores da nossa Revista as doutrinas da Bíblia Sagrada sobre o além: morte total de corpo e alma, inconsciência após a morte, não existência de purgatório, ressurreição dos justos para a vida quando Jesus vier, ressurreição dos ímpios para a morte mil anos depois.

Enquanto a igreja permaneceu mais ou menos pura continuaram estas doutrinas a ser seguidas pelos cristãos. A propósito, leio, com verdadeiro espanto na 5.^a edição do tão conhecido livro *Inovações do Romanismo*, publicado pela Livraria Evangélica: «Era crença comum (até ao séc. III) que as almas não gozariam a presença de Deus senão no dia da ressurreição e do último juízo; neste período não há vestígio algum da crença de que estivessem num lugar de tormento.» E segue a nota: «Sixto Senense diz, e muito bem, que Justino Mártir, Tertuliano, Vitorino Mártir, Prudêncio, S. Crisóstomo, Aretas, Entímio e S. Bernardo afirmam que antes do dia do juízo as almas dos homens dormiam todas em secretos aposentos até à sentença do grande dia, e que antes disso nenhum homem seria julgado segundo as suas obras feitas nesta vida.» (pp. 202-203).

Era êste, talvez, um dos motivos que levavam os primeiros cristãos a desejar com tanto ardor a vinda de Jesus Cristo, pois que só então obteriam a corôa...

Sabemos, porém, que não pensavam assim os pagãos de Grécia e Roma, muitos dos quais sem verdadeira preparação nem compreensão ingressavam nas fileiras do Cristianismo. Não só o vulgo assim pensava, mas a própria filosofia mais em voga. Platão pintara com tais côres a sobrevivência da alma após a morte, que alguém, entusiasmado depois de ler o *Fedon* do dito filósofo, a si mesmo se tirou a vida para fruir as delícias da alma liberta da sombra do corpo... Nos primeiros séculos do Cristianismo, gozava das honras de moda a corrente filosófica conhecida por neo-platonismo, na qual desempenhavam largo papel as idéias de Platão. Nesta corrente bebeu em farta dose o gnosticismo, que foi o introdutor de tantos erros pagãos na religião cristã... E a sua influência, como nódoa de azeite, alastrou por toda a Europa, levando ao esquecimento da vinda de Cristo, tornada praticamente inútil com a recompensa ou castigo logo após a

morte, e dando entrada ao culto dos santos, à crença no Purgatório e a doutrinas quejandas.

Cristãos de S. Tomé

O cristianismo fôra também espalhado pela Ásia e África. Na costa indiana do Malabar, florescera um forte núcleo de cristãos, que abraçaram depois a heresia nestoriana, mas que em muitos pontos continuaram seguindo o Cristianismo primitivo. Longe do contacto com a Europa, tinham a grande vantagem de se não deixar contaminar pelas inovações que a pouco e pouco se iam introduzindo no seio do Cristianismo. Quando no séc. XVI aportaram à Índia os portugueses, encontraram ali uma igreja organizada, cujos membros eram conhecidos por Cristãos de S. Tomé, e que, entre outros pormenores da Bíblia, esquecidos pela igreja de Roma, «diziam que os santos que eram passados desta vida, não viam a Deus nem haviam de gozar de sua glória, senão depois do último juízo universal...»¹.

Cristãos da Etiópia

O mesmo sucedia com outros cristãos separados também do contacto com a Europa, cujos antepassados datavam de antigos séculos — os cristãos da Etiópia. Já vimos noutra número da *Revista Adventista* (n.º 6) como na Etiópia se continuou seguindo a observância do Sábado bíblico através dos séculos e como por vezes essa observância foi testemunhada a preço do próprio sangue. Hoje veremos como o problema do além, embora num pormenor ou noutra envolto em confusão, continuou, talvez até mais ou menos inconscientemente, nas bases apresentadas pelas Sagradas Escrituras.

Como fizemos a respeito do Sábado, voltamos agora a ouvir os escritores portugueses e em especial o missionário católico que mais se distinguiu na Etiópia nos fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII — o Padre Pero Paez, jesuíta.

Cerimónias do entêrro

Depois de o dito missionário nos descrever

¹ Fr. João dos Santos, Etiópia Oriental, Lisboa, 1891, vol. 2, p. 353.

as cerimónias do entêro de qualquer súbdito abexim, passa a falar-nos das cerimónias ocorridas no funeral do imperador. «Quando morre o imperador, o levam também em seu leito consertado a modo de tumba com grande acompanhamento, porque não só vão os príncipes e grandes, mas todos os senhores nobres que se acham perto, todos cobertos de dó e as cabeças rapadas, como costumam fazer na morte dos pais, para mostrar sua grande tristeza . .

«Em o dia do enterramento não só do Imperador, mas de qualquer homem grande, se dão muitas esmolras e pelo menos na igreja onde se enterra lhe rezam cada dia até os trinta os Salmos de David inteiramente e outras orações (que missas pelos defuntos não as dizem, segundo me afirmaram alguns frades), e dão-lhes suas esmolras por isso ; e no último dos trinta dias matam vacas e dão de comer aos frades e a muitos pobres que sempre ali se ajuntam, e aos 40 dias levam à igreja muitas candeias e incenso e matam muitas mais vacas e dão grandes esmolras. Também dão aos oitenta dias e quando se enche o ano, mas não tantas, e a isto chamam *Tascâr*, que quer dizer lembrança, e *Fetât*, que significa soltura. Esta lembrança fez muito solene por D. Cristóvão da Gama, no dia em que se cumpriu o ano da sua morte, que foi a 28 de Agosto de 1542, o imperador Atanaf Çagued, que primeiro se chamou Gláudios, scilicet Cláudio, e para que fôsse com mais aparato como pedia o agradecimento que desejava mostrar a D. Cristóvão pelo que êle tinha feito, mandou lançar pregão pelas terras alguns dias antes, que todos os pobres que houvesse se ajuntassem ali naquele dia, e juntaram-se mais de seis mil (segundo afirmou um Português que estava presente) e armaram-lhes muitas tendas no campo, onde por um mandado do imperador se lhes deu esplêndidamente de comer e de vestir¹.»

Podemos concluir desta citação que na Etiópia não se rezavam missas pelos defuntos e que as cerimónias ocorridas por ocasião dos funerais eram mais para os vivos do que para os mortos — quer a leitura dos Salmos de David, nos quais se não atribue vida consciente àquele que desceu à sepultura, quer as esmolras distribuídas por essa ocasião. O que então se passava era aliás a expressão prática das suas crenças a respeito do além.

Crenças a respeito do além

Tanto o P. Pero Pais, como o seu imitador

P. Manuel de Almeida, apresentam um capítulo consagrado aos «Erros que tinham acêrca das almas racionais, purgatório, indulgências e inferno.»

Afirmavam os etiopes «que tôdas as almas dos santos, por grandes que fôssem, estão no paraíso terreal, sem gozar da glória, e ali hão-de esperar até ao dia do juízo, em que se unirão com os seus corpos e entrarão juntamente no céu. Nem as dos condenados estão no inferno, senão em outro lugar, nem hão-de ser atormentadas até que se juntem com seus corpos¹.» Vemos aqui, a par de uma compreensão errada das Escrituras (que as almas separadas dos corpos estejam algures, antes do juízo), uma compreensão correcta (que não gozam nem sofrem antes da ressurreição dos corpos).

Conseqüentemente, «purgatório não no criam nem conheciam, nem indulgências: tinham que os condenados não hão-de estar no inferno eternamente, pelo menos os cristãos, senão que, depois de algum tempo, haviam de sair dêle².» Mais uma vez constatamos a par de uma idéia um tanto confusa sôbre o sofrimento no fogo do inferno, a perfeita compreensão de duas verdades bíblicas — a não existência do purgatório e das indulgências.

Os missionários católicos em face destas crenças

Como podemos imaginar, não era grande a cultura dos abexins, motivo porque terão deixado infiltrar-se pequenas incorrecções em interpretações correctas de doutrinas bíblicas, e porque não terão sabido defender em presença de argumentos capciosos os seus pontos de vista verdadeiros.

Vemos, assim, que os missionários católicos, instruídos e práticos nas manobras dialécticas tão em moda na sua igreja, apresentavam aos letrados abexins algumas objecções e passagens das Escrituras, a que êles não conseguiam responder.

Por exemplo, em Junho de 1604 teve o P. Pero Paez uma disputa com vários letrados na presença do négus Zadenguil. Dizendo o Padre que havia purgatório, logo um dos letrados «se riu muito e com um modo como se eu dissera um absurdo nunca ouvido»³. O pior foi que em seguida o missionário apresentou os seus argumentos em favor do purgatório, e que pensamos qualquer leitor desta Revista saberia re-

(Conclue na pág. 14)

¹ P. Pero Paez, ib. p. 403.

² P. Manuel de Almeida, História de Ethiopia a Alta, lib. 6, Roma 1907, p. 129.

³ P. Pero Paez, ib., p. 502.

¹ P. Pero Paez, S. J. História da Ethiopia, lib. I et II Roma 1905, pp. 500-501.

Através do mundo Adventista

Assembléa da Conferência Geral — Há já cinco anos que se não realizava. Teve lugar em S. Francisco da California, de 26 de Maio a 7 de Junho do ano corrente. Ficou reeleito para o cargo de Presidente da Conferência Geral o Ir. J. L. McElhany. Na presidência e vários departamentos da Divisão Sul-Europeia ficaram também os irmãos que anteriormente exerciam essas funções.

Número actual dos Adventistas do Sétimo Dia — A mensagem tem sido espalhada largamente e é assim que o número de Adventistas do Sétimo Dia tem aumentado dia a dia. A última estatística acusa 510.571, assim distribuídos:

DIVISÃO	
Norte Americana.....	185.788
Australiana.....	20.378
Central Europeia, I.....	42.387
Central Europeia, II.....	11.058
China.....	19.481
Extremo Oriente.....	33.602
Inter-Americana.....	37.607
Norte Europeia.....	39.471
Sul Americana.....	32.964
Sul Africana.....	32.289
Sul Asiática.....	7.042
Sul Europeia.....	31.991
USSR.....	16.513
Total.....	510.571

Número de obreiros — O número de obreiros evangelistas em todo o mundo é 13.257, e de obreiros institucionais, 15.643, perfazendo um total de 28.900.

O número de obreiros aumentou um pouco mais de cem por cento durante os últimos dezóito anos, pois que em 1921 eram apenas 14.009.

Baptismos de M. V. — Desde 1911, ano em que se começaram a relatar os baptismos dos jovens, foram baptizados 185.190.

Durante o passado período de cinco anos foram baptizados 62.554 jovens. Neste período baptizámos aproximadamente 47,2% dos jovens que atingiram a idade da decisão. Noutros termos, 52,8% dos nossos jovens de 15 anos e mais estão por baptizar. É mais lisonjeira esta constatação do que há anos atrás, mas ainda não basta.

A idade em que se tem observado maior número de baptismos de jovens é aos 12 anos. Numa grande União, com 4.979 jovens o número dos baptizados nas diversas idades foi o seguinte:

IDADE	N.º DE BAPTISMOS
7.....	10
8.....	29
9.....	101
10.....	190
11.....	289
12.....	493
13.....	379
14.....	349
15.....	239
16.....	160
17.....	160
18.....	80
19.....	31

Adventistas Portugueses nos Estados Unidos — Talvez que muitos leitores da nossa Revista não saibam que há bastantes Adventistas portugueses na América do Norte, sobretudo ao Sul da Nova Inglaterra e na California Central. No distrito de Massachusetts a obra nos meios portugueses começou muito lentamente, mas agora pode observar-se ali um bom grupo de observadores do Sábado. Há duas grandes igrejas adventistas portuguesas em New Bedford e Taunton, nesse mesmo distrito. No período de 1938-1940 houve nada menos de 143 baptismos de Portugueses residentes nos Estados Unidos. Há também literatura portuguesa impressa nas nossas casas editoras da América do Norte.

Nossa obra em Madagascar — De uma recente carta do Ir. R. Guenin, que dirige a obra da educação em Madagascar, transcrevemos: «Nossa escola (de Ankadifotsy em Tananarive) é considerada por muitos como a melhor da cidade. Recusamos centenas de alunos. Além disso os internatos estão repletos, e os pedidos recebidos permitir-nos-iam dobrar seus objectivos efectivos se tivéssemos lugar.» (W. R. Beach).

Progressos na Finlândia — Um dos nossos obreiros da Noruega, ir. B. Bjaanaes, teve recentemente o ensejo de fazer uma viagem à Finlândia, e creio que o relatório dessa visita é susceptível de interessar nossos leitores.

«Na Finlândia a nossa obra faz notáveis progressos», escreve o ir. Bjaanaes. A seguir, apresenta certo número de factos que pôde recolher no curso da sua viagem. Em Helsínquia, o ir. Seljavara fez conferências perante um belo auditório durante todo o inverno passado. A frequência das reuniões mantinha-se regularmente entre 1.500 e 1.800 pessoas. Por ocasião de uma reunião de Sabado, no fim do esforço, 500 pessoas das conferências públicas estavam presentes, das quais 200 se inscreveram na classe baptismal. Entre estes membros em perspectiva há um engenheiro, dois médicos e dois arquitectos, sem contar outras numerosas almas de uma boa classe social. Nosso irmão indica igualmente que o seminário de Toivolina foi frequentado por cinquenta alunos durante o ano findo. Assim, depois da dura prova de 1939-40, a hora do progresso soa para a nossa obra nesse valente país. Possam as dificuldades da hora presente não ter outro resultado nos países atingidos pela guerra e pela fome. (W. R. Beach).

O sangue de mártires — O Irmão e a Irmã Prada foram assassinados em 1936, na Colúmbia, e um forte grupo de pessoas foi trazido para a verdade na região desse assassinato. Uma das nossas igrejas organizou ai oito escolas sebatinas anexas. Começou então a levantar-se grande opposição. Uma destas escolas sabbatinas anexas aumentou até atingir mais de noventa alunos. Pedro Flores, de trinta e cinco anos de idade, era o monitor dessa escola, e Rafael Flores, de vinte e cinco anos, era o secretário da escola sabatina.

Estes dois irmãos com outro irmão foram convidados a ver um terreno que, se dizia, lhes seria dado para a obra, mas estavam nos aguardando na realidade inimigos, escondidos junto do rio, e o director e secretário da escola sabatina foram mortos instantaneamente a tiro de pistola. O outro irmão foi fe-

rido, mas conseguiu escapar a nado. Não satisfeitos em matar os outros dois, voltaram e retalharam-nos em pedaços com os seus machados. É assim que muitas vezes os filhos de Deus têm de derramar o seu sangue como testemunho de fidelidade à causa.

A rádio ao serviço da mensagem — Na assembléia da Conferência Geral d'êste ano foram apresentadas experiências muito e muito animadoras a respeito dos resultados obtidos, sobretudo na América do Norte, por meio de emissões radiofónicas ao serviço da Mensagem Adventista. De tal maneira, que se tomaram resoluções no sentido de animar e procurar fazer render ao máximo êste novo método de pregação, a que está reservado tão importante futuro.

Náufragos Adventistas do «ZamZam» — Entre os naufragos do «ZamZam», a que se referiram os jornais portugueses de princípio de Junho, encontravam-se alguns Adventistas norte-americanos, que tivemos o prazer de ver na nossa igreja de Lisboa. Infelizmente não puderam voltar à América dois outros missionários, que ficaram prisioneiros na França: James Russel, canadiano, e Harry Hankins, sul-africana, esposa de um dos nossos médicos em Durban.

Da Holanda — O Presidente do nosso trabalho na Holanda informa o seguinte: «Nenhum dos nossos membros perdeu a vida nas perturbações da guerra, pelo que somos muito gratos a nosso Pai celestial. Nossa igreja em Roterdão está ainda em pé. Um bombardeiro quebrou várias vidraças, as quais foram concertadas, e nossas reuniões realizam-se ainda ali. Interessará sem dúvida a nossos irmãos saber que nós e as demais denominações temos liberdade de pregar e realizar reuniões. O trabalho da colportagem vai hoje melhor do que nunca, nestes quinze anos passados. Isto é maravilhoso aos nossos olhos». (Da *Revista Adventista* do Brasil).

Observadores do Sabado indígenas do Equador — Em 1937, o ir. J. D. Replogle, que então era superintendente da missão do Equador, foi convidado pelo Sr. Sam Saunder — um americano que recebia pensão dos Estados Unidos, como veterano da guerra hispano americana, e era garimpeiro nos rios Napo e Arajuno, a oeste das montanhas — a abrir uma escola para os índios que empregava em seu trabalho. Eram remanescentes da tribo Napo e de outras. Contou o Sr. Saunder, e o ir. Replogle o observou enquanto lá esteve, que êsses índios não trabalham no Sábado — o sétimo dia.

Não podiam dizer como se originara essa prática, mas parecia datar de épocas remotas. Mediante a influência dos jesuítas, que lá estiveram nos primeiros tempos do governo espanhol, e dos catalinos que, em anos posteriores, foram enviados de Roma, abtiveram-se de trabalhar aos domingos, mas influência alguma conseguiu induzi-los a renunciar à observância do Sabado. Não trabalham em nenhum desses dias, mas caçam em ambos.

Essa é outra prova de que todos os povos antigos têm algum conhecimento do facto da criação e do monumento por Deus erigido para comemorá-lo. (H. O. Olson, *ibid*).

Notícias de Moçambique — Numa recente carta, o missionário Max M. Webster dá-nos uma ideia do que significam as superstições pagãs para os indígenas da África Oriental Portuguesa que ignoram a mensagem da salvação.

«Êsses indígenas que aceitaram a verdade aban-

donam voluntariamente os costumes e as superstições a que estiveram presos durante anos. Uma família, quando entrou em contacto com a missão, e antes de aceitar o cristianismo, perdeu um dos seus filhos que enterrou segundo o costume pagão. Ela pôs comida na sepultura, e cada dia levava um pouco à bifurcação dos caminhos, para que a filha não tivesse fome. Depois de essa família ter aceitado a verdade, ela perdeu um segundo filho, mas dispôs-se desta vez a enterrá-lo como o fazem os cristãos. Ela espera agora a próxima vinda de Jesus que os reunirá a todos.

«Há dias, morreu na aldeia uma mulher. Antes da morte, seus parentes chamaram dois feiticeiros para descobrir a pessoa que era causa dessa doença. Estes colocaram uma panela de água ao lume, fizeram ferver o liquido, e designaram duas pessoas suspeitas de serem as culpadas. Uma era a mãe e outra a irmã da morta. As pessoas suspeitas deviam mergulhar a mão na água a ferver; se ficassem queimadas, era evidente a sua culpabilidade. Os feiticeiros foram suficientemente espertos para pedir às três primeiras pessoas que mergulhassem as mãos na água antes de esta estar bem a ferver; mas a mãe teve de o fazer quando a água se encontrava em plena ebulição. Naturalmente ela ficou terrivelmente queimada e foi condenada pela doença e morte de sua própria filha.

«Uma mulher tinha dado á luz um filho. Ela frequentava a classe de Biblia, mas estava ainda sob a influência de seus pais. Quando do nascimento, minha mulher não foi chamada, porque os pais pagãos tomaram o cuidado de sua filha. Depois do nascimento, nem mãe nem filho pareciam prosperar. A mãe cessara de vir procurar o remédio que minha mulher lhe dava, e minha companheira soube assim que os pais tinham feito ir uma feiticeira que lançava uma sorte à sua filha. Minha mulher resolveu ir ver o que se passaria. Chegou justamente a tempo para ver muita gente reunida, prestes a ouvir a decisão da feiticeira.

A mulher e o filho tinham sido encerrados durante alguns dias numa cabana, sem nada para comer. Foi designada a culpada, mas minha mulher sabia que a acusada era a segunda mulher do marido da feiticeira, e ela sabia que esta acusação era obra do diabo; apontando com o dedo a feiticeira, declarou: «Tu és o filho do diabo. Eu sei porque designaste esta mulher: é porque tu a odeias e desejas a sua morte. Se te chegasses a Deus e lhe pedisses que te perdoasse as tuas iniquidades, cessarias de enganar esta gente. Viemos a ti com o conhecimento do verdadeiro Deus, e é isto que Êle deseja que tu deixes de praticar.»

Depois de um estudo biblico e oração, o grupo dispersou-se como instrumentos do demónio postos em debandada. Minha mulher ordenou que retirassem da palhota a mãe e lhe dessem de comer; e foi visitá-la todos os dias. Deus restabeleceu maravilhosamente a mãe e o filho, e fortificou grandemente a fé do marido e da mulher; hoje são ambos membros baptizados.

...«Pelo preceito e pelo exemplo, ensinamos estes indígenas a abandonar os seus costumes nocivos e a pôr a sua confiança em Deus. Temos tido aqui pessoas doentes à morte; mas em vez de recorrer ao feiticeiro, ajoelhamo-nos junto do seu leito e imploramos a intervenção de Deus e a Sua bênção sobre os tratamentos dados; e muitas vidas têm sido salvas. Temos agora um grupo de mulheres que põem em prática a verdade, e que a espalham em toda a aldeia. Elas ajudam os abandonados, tratam dos doentes, e guiam os ignorantes.» (W. R. Beach).

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

Vale a pena ter Escolas ?

Nós pagamos impostos para manter as escolas públicas. Porque não mandar lá os nossos filhos e, desta forma, evitarmos sobrecarregar o nosso orçamento doméstico para manter as nossas escolas adventistas ?

Temos de continuar êste esforço porque precisamos de treinar de forma especial os nossos filhos e as escolas públicas não podem executar o nosso programa. Temos de dar ao mundo a última mensagem evangélica de aviso e, para êste tão magno trabalho, carecemos de educar e treinar os nossos filhos. Se não tivéssemos diante de nós tão nobre e importante missão, teríamos motivo para abandonar o sistema educativo adventista e mandar os nossos pequenos à escola oficial. Se não fôssemos Adventistas do Sétimo Dia, se não fôssemos cristãos 100 %, se fôssemos mundanos, estaríamos justificados em dar aos nossos filhos uma educação vulgar e nos modelos mundanos. Como Cristo é o nosso Mestre, nada nos pode justificar, se não fizermos os maiores esforços em educar para Êle os nossos filhos. A educação mundana mina as bases da fé cristã. Ensina doutrinas que traduzidas querem dizer que a Bíblia não é autoridade infalível em religião ; que a criação e a origem do Sábado são lenda ; que o homem não é um pecador e, conseqüentemente, não necessita de Salvador ; que Cristo não ressuscitou, nem subiu ao céu nem voltará para juízo e para trazer a justiça eterna. Não podemos ser cristãos e colocar os nossos filhos sob a alçada de tão falsas e perversas doutrinas.

Mas poderíamos encontrar no ensino particular uma escola cristã que ensinasse estas doutrinas, mas poderiam até as escolas oficiais ensinar estas doutrinas e ainda teríamos necessidade da estabelecer escolas adventistas porque há muitos outros pontos de doutrina que estão errados por tôda a parte e nós precisamos ensinar aos nossos filhos a verdade completa e colocá-los numa atmosfera de espiritualidade. O nosso ensino religioso tem de impregnar tôda a vida acadêmica, desde as letras às matemáticas e ao desenho. Precisamos inculcar a espiritualidade adventista no ensino da fisiologia, das ciências naturais, das matemáticas, da filosofia, das línguas vivas ou mortas, da história. Para alcançarmos êsse nobre, verdadeiro efeito educativo, precisamos manter as nossas escolas adventistas, pelo menos para os nossos filhos. Os pais adventistas que sem razão de maior, coloquem os seus filhos nas es-

colas do mundo, quando têm na sua cidade ou aldeia uma escola adventista, estão colaborando com Satanás na perdição dos mesmos. Lá vai chegar o dia em que se estabelecerá, na mente do aluno, o combate entre as influências paternas e da igreja e as influências da escola. Nessa batalha a vitória é do professor incrédulo, ímpio, sarcástico contra a religião. «Se meu Pai fôsse mais inteligente do que o professor não me mandaria à escola, ensinar-me-ia em casa». Quantos jovens adventistas não se terão perdido estúpidamente por culpa das escolas ?

Todos os filhos de adventistas deveriam ter um lugar dentro das nossas escolas. Se perguntassem a Noé quantos dos seus filhos deveriam ter lugar na arca, com certeza ouviríamos da sua boca que todos êles ali tinham acomodação apropriada. Todos os nossos filhos necessitam da nossa escola e esta deve ter sempre a atmosfera de Cristo. A família cristã precisa ver na escola cristã a continuadora dos seus esforços e dos seus planos. A escola cristã carece de estar tão bem organizada e apetrechada que as Anas dos nossos dias possam deixar nelas confiadamente os seus Samueis, dias inteiros e até anos, sem a mínima dúvida quanto ao tratamento e ensino que êles estão recebendo. Não se trata apenas do ensino intelectual. Os professores das nossas escolas devem cultivar a arte divina de ganhar as ternas almas dos seus alunos para Cristo e para os elevados ideais do cristianismo. Ensinar os programas oficiais já representa grande trabalho. Ensinar a educação integral, do intelecto e do espírito, que tremenda responsabilidade e que elevadíssima missão ! Certamente que o salário dos professores adventistas, nas escolas adventistas, é o dinheiro mais abençoadamente ganho em todo o mundo.

Que todos os adventistas se unam para manter a escola que exista na sua Congregação. Pode ser que indivíduos simpatizantes com os nossos princípios queiram pôr os seus filhos dentro das nossas instituições. As mensalidades dêsses estudantes podem vir ajudar as deficiências orçamentais. A admissão de tais alunos deve ser muito cautelosa. Não queremos misturas prejudiciais aos nossos filhos. Quando repararmos que algum aluno se mostra refractário à vida espiritual da escola entremos logo em contacto com a família. Se esta não der a sua colaboração para um melhor entendimento mandemos-lhe o seu educando para casa, por-

A cabeça descoberta na igreja e as senhoras

(À margem de I. Cor., 11)

Nesta carta aos Coríntios, Paulo está-se esforçando por estabelecer ordem onde evidentemente houvera desordem no culto. Alguns membros da igreja de Corinto tinham uma compreensão errónea do significado da liberdade cristã. Houvera confusão no culto divino. Algumas das mulheres tiraram vantagem de sua nova liberdade, para desrespeitar as convenções daquela época, indo ousadamente às reuniões públicas sem o costumeiro véu ou sem a cobertura da cabeça, usada naquele tempo.

Paulo não animaria o povo a transgredir os costumes que não eram contrários ao dever cristão. Qualquer coisa que tendesse a ferir um sentimento de decência, devia ser condenada. Os costumes daqueles tempos não permitiam à mulher aparecer convenientemente em público, sem um véu e uma touca, para que não fôsse classificada entre as muitas mulheres dissolutas que andavam sem touca, na pagã cidade de Corinto. Sair desta maneira dava lugar a ser considerada como mulher pervertida.

Diz Lange, comentarista bíblico: «O tirar o véu da cabeça era um abuso que se originou da vaidade feminina, sob pretexto de liberdade cristã e de igualdade com o homem; e era tanto mais perturbador à devoção, por ser contrário ao costume ver as mulheres sem véu, fora de casa.» Paulo estava animando as cristãs de Corinto a observarem a decência e não serem demasiado zelosas em procurar infringir os costumes da época. Devemos fazer distinção entre moda e decência. A moda pode muitas vezes ultrajar a decência, que é um estabelecido código de hábitos, que conduz à ordem e ao decoro.

Embora Paulo se refira aqui a uma situação local, estabelece um princípio para todos os tempos. Há certos actos que são convenientes ao homem e à mulher. Ao tratar desse assunto,

tistas e dentro dela não se pode admitir quebra de princípios espirituais.

Que a vigilância dos professores sôbre as conversações dos alunos seja constante. Não se permitam conversas, brincadeiras, jogos que venham enfraquecer a moral cristã.

Nós adventistas temos um grandioso trabalho.

Nem seremos mesmo capazes de o realizar só com as nossas fracas fôrças. Contamos com a ajuda de Deus. Queremos que os nossos filhos aprendam desde pequenos a contar com Deus e com a directiva de Jesus e, para isso, precisamos de os ensinar e educar de har-

monia com o espírito e a letra do Evangelho de Jesus. Para isso, unamo-nos na manutenção e na melhoria do apetrechamento das nossas escolas.

diz: «Não vos ensina a mesma natureza?» Ainda que o homem e a mulher sejam espiritualmente iguais, as suas naturais esferas de acção são diferentes. A natureza tornou isto claro. Uma mulher de aparência máscula ou um homem efeminado não estão de conformidade com a natureza. A verdadeira natureza do homem é ser activo e empreendedor, como é a da mulher ser modesta e calma.

Qualquer coisa que force um ou outro sexo a sair da sua esfera apropriada, é condenada que a escola adventista fêz-se para os advenda pela própria natureza. Nosso senso interior, quanto à decência, sugere isso. Assim qualquer *ousadia inoportuna e pompa sem modéstia* em público e, mais particularmente, na casa de Deus, da parte da mulher, não estão de acôrdo com a decência mundana nem com a ética cristã. Tanto o homem como a mulher desempenham parte igualmente importante na vida do mundo e da igreja, ocupando ela, muitas vezes e dignamente, uma posição que o homem poderia ter ocupado, mas de outra maneira.

Quanto ao uso de chapéu para o culto na casa de Deus, as próprias convenções indicam que isto é inteiramente apropriado para as mulheres de hoje. Mas o costume da época não exige, como nos dias de Paulo, que a mulher saia com a cabeça coberta, a-fim-de se apresentar como membro conveniente da sociedade. Se ela, por qualquer motivo, achasse necessário aparecer na igreja sem chapéu, isso não seria condenado, visto não haver nenhuma indicação de irreverência ou ousadia nesse acto. Não sei de nenhum ensino denominacional a respeito de as mulheres aparecerem na igreja, sem chapéu.

(Da *Revista Adventista*, do Brasil).

F. L.

Há uma escola na tua Igreja?

Porque não há? Já conversaste com o teu Pastor sôbre isso?

Tens os teus filhos na escola adventista?

Quanto dás cada mês para a Obra que a tua escola adventista está fazendo?

Pelo facto de não teres filhos consideras-te dispensado de contribuir para a escola?

A. Dias Gomes

A Juventude Indispensável

No escritório da grande firma Moreira & C.^a Lt.^a alguns minutos depois da abertura do estabelecimento. O capitalista Moreira sentiu ruído de passos, levantou os olhos do livro de contas e deu de cara com um rapaz de correcta apresentação, impecavelmente limpo que o cumprimentou com vénia respeitosa.

— Que deseja desta casa ?

— Desejaria que V. Ex.^a me desse algum trabalho — foi a resposta rápida do jovem Abel Pereira.

— Algum trabalho ? Como sabe que tenho trabalho ?

— Li o anúncio que V. Ex.^a publicou no jornal.

— Pelo que vejo também lê os jornais. Tem a certeza que responde às exigências indicadas no anúncio ?

— Não tenho bem a certeza mas gostaria de fazer uma experiência.

— Gosto dessa resposta. Que sabe fazer ?

O nosso Abel hesitou uns breves momentos. Havia muitas coisas que êle julgava saber fazer. Tinha aprendido muitas coisas na escola. Sabia escrever sem erros ; podia resolver desembaraçadamente um problema vulgar. Era capaz de traduzir francês e inglês. Não faria má figura se lhe dessem um cargo no escritório. Mas em casa também aprendera a esfregar, a fazer os mais humildes trabalhos, até sabia remendar a sua roupa, fazer alguma comida. Seus pais assim o tinham habituado. A Sociedade dos jovens da sua Congregação exigira dêle muitas coisas práticas para o fazer passar de classe até chegar a Chefe. Tinha porém receio de não poder dar uma resposta precisa e cansar com palavras o sr. Moreira. Por fim veio-lhe a resposta :

— Posso fazer qualquer coisa que me seja ordenada.

— Meu caro, se assim fôsse era um rapaz fora do vulgar . . .

— O sr. Moreira compreende o que quero dizer, atalhou o Abel com as faces algo coradas. Estou pronto a empenhar todo o meu esforço no cumprimento da ordem que me fôr dada. Por outro lado, confio que qualquer cavalheiro nunca me dará uma ordem que esteja acima das minhas forças.

— Então suponha que o recebia como em-

pregado e que, amanhã, lhe mandava subir e descer a minha rua vinte vezes. Estaria disposto a cumprir a minha ordem ?

— Vejo que podia cumprir essa ordem e certamente a cumpriria de boa vontade.

— E se, no dia seguinte, o mandasse ali à mercearia do lado, escolher o mais belo bacalhau que lá estivesse, metê-lo debaixo do braço e trazê-lo para aqui ? Que faria ?

— Nunca faria uma tal coisa ! respondeu o Abel em termos decididos.

— Porque não ? Não me disse que empenharia todo o seu esforço no cumprimento da ordem que lhe fôsse dada ?

— Disse, sim senhor. Mas também tenho outras ordens, recebidas há muito tempo e que não posso ignorar nem transgredir. Uma dessas ordens é esta : « Não roubarás ».

— Então quere dizer que as minhas ordens só serão executadas quando de harmonia com essas ?

— Certamente, senhor, sempre e em qualquer circunstância.

Ao dar esta resposta a voz de Abel ganhou admirável acento de sinceridade e resolução. Preferia nunca ser empregado, morrer de fome, mas estava resolvido a orientar a sua vida pela Lei de Deus. Até já começava a pensar que tinha cometido um engano em procurar trabalho na Firma Moreira & C.^a. O homem que estava na sua frente passava a espicaçar a sua curiosidade. Não queriam lá ver que era apenas um malvado.

— Vejo que tem certas convicções e que está resolvido a pôr as ordens de Deus acima das minhas. Nessas condições, caso queira, vamos fazer uma experiência de quinze dias. Espero que faremos boas experiências pois há tudo a esperar de quem coloca os mandamentos de Deus acima dos mandamentos humanos. Queira apresentar-se ao trabalho amanhã à hora habitual.

E ditas estas palavras, o nosso Abel viu diante de si a grande mão do sr. Moreira na qual, com entusiasmo, afogou a sua, num apêto que valia o melhor dos contratos.

(Ext. da *Home and School*)

Adaptado por A. D. G.

A Família Cristã

Poucas serão as pessoas a ignorar a importância da Família. Será difícil encontrar um adventista que não tenha lido tudo quanto as Sagradas Escrituras e o Espírito de Profecia tem dito daquela admirável instituição edênica. O diabo tem procurado desgraçar a família, enquanto as agências divinas a rodeiam de tôdas as defesas espirituais. Cristo acabou, entre os cristãos, com a ideia do divórcio, quando disse: «O que Deus juntou não o separe o homem». Todos os apóstolos falaram, mais ou menos directamente, da família mas destaca-se entre êles S. Paulo.

Haverá algum cristão que discorde desta doutrina: «Um mau membro da família não pode ser bom membro da Igreja; todos os maus membros da família, que vivam escandalosamente aos olhos dos seus vizinhos e conhecidos ou desconhecidos, devem ser eliminados da irmandade.»?

Com certeza que as famílias dos nossos Obreiros constituem um exemplo para o rebanho. Ali reina a paz, a concórdia, a mútua confiança entre marido e mulher; não há ali lágrimas de desconfiança, de azedume; respira-se a atmosfera da oração, da leitura das Sagradas Escrituras, do acolhimento fidalgo. As discussões, as guerras, as palavras azedas, as lágrimas de revolta, os maus tratos, as faltas de comida e de vestuário, as desconfianças de adultérios e mancebias de parte a parte, existem em qualquer outro lado que não nos lares dos obreiros adventistas. Mas precisamos ter muita cautela e defender os nossos lares e os lares dos nossos obreiros.

Compete ao obreiro ser bom marido. Compreende-se por bom marido, aquêlê que não foge, sempre que tenha dinheiro, ao bem estar da sua mulher e dos seus filhos. Por vezes o diabo arranja generosidade do marido para tôda a gente menos para sua mulher e para seus filhos; tais maridos tem sempre a bolsa aberta para ajudar o vizinho, o amigo e, especialmente, a vizinha e a amiga. Cautela com a armadilha. Não é justo tirar ao sustento e vestuário da mulher e dos filhos, sem seu consentimento, para «armar» em generoso. Compreende-se por bom marido aquêlê que tem braços para ajudar a mulher em casa e palavras de louvor e de estímulo para tudo quanto ache bem feito; não basta apenas o dinheiro; há coisas simples que nem dinheiro carecem e que são indispensáveis para a boa atmosfera do lar. Compreende-se por bom marido aquêlê que discute amavelmente com sua mulher os pro-

blemas da vida diária, da vida dos filhos e está pronto a receber um bom conselho.

Bom chefe de família é aquêlê que se preocupa com o futuro de sua mulher e de seus filhos, qual a profissão que devem seguir, qual a situação em que podem ficar de um momento para o outro, por sua morte. Ainda é bom chefe de família aquêlê que se preocupa com a vida espiritual dos seus, com a sua vida eterna; faria sentido que andasse um Obreiro a trabalhar para salvar os estranhos enquanto vai perdendo os seus? Daí a necessidade de fazer o seu culto familiar com sua mulher e seus filhos, sempre que lhe é possível. Quem não tem tempo para a família deveria não constituir lar.

E depois do marido ter feito tudo quanto em si caiba, ainda a sua vida familiar pode ser desgraçada. Depende da mulher com quem casou. Nem sempre as culpas podem ser colocadas, com verdade e inteiramente, sobre o marido. Há muitas mulheres ciumentas, ricas, malcriadas, egoístas, mandrionas, toleironas, amigas de catrapiscar solteiros e casados, mais amigas dos deleites do que de Deus, querendo meter atrevidamente «a colherada» nos assuntos do marido, exigindo dêste contas estritas do dinheiro recebido ao fim do mês, etc. etc. etc. Só existem tais mulheres entre as incrédulas? Oxalá que assim seja! Entre os obreiros adventistas, com certeza, as esposas quererão ter as virtudes opostas aos vícios atrás apontados. E, mesmo assim, ainda resta alguma coisa muito e muito importante para serem dignas esposas dos ministros evangélicos.

Por exemplo: gostam de assistir aos cultos? Fazem as suas visitas missionárias com o único fim de chamar almas a Cristo? Procuram ajudar seus maridos nas campanhas financeiras das suas congregações? Estarão prontas a não fazer, a não vestir coisas aceitáveis e até permitidas pela Bíblia mas que poderiam dar mau resultado na vida oficial do obreiro? Estarão prontas a calar a sua boa opinião diante de uma opinião má de outra pessoa só para evitar a contenda?

Com certeza estão. Tem o dever de estar. Bem como a Administração da Obra Adventista tem o dever de dizer aos casais de obreiros que não vivam uma regular vida matrimonial cristã que procurem mudar de orientação, caso contrário, terá de mudar o obreiro, substituindo-o por outro que dê melhor conta de si e represente melhor a Causa.

A. Dias Gomes

ASSUNTO PARA ESTUDO

Na prática da vida cristã aparecem problemas graves que precisam de solução séria. Não podemos fechar os olhos à sua existência. Seria copiar as avestruzes perseguidas no deserto pelos caçadores e que metem a cabeça na areia, pensando ter resolvido o problema da perseguição pelo facto de não querer ver o inimigo.

O problema que desejamos focar em poucas palavras relaciona-se com a família. O marechal Pétain, no ano passado, ao apresentar as desculpas da derrota francesa, dizia que a França «não tinha filhos». Tocou com o dedo num dos mais graves problemas nacionais franceses. Citando em tempos passados a um francês êste facto da falta de natalidade, respondeu-nos que as mulheres francesas, na sua maioria, queriam apenas gozar da vida e não estavam para maçadas. Se a Pátria queria filhos que os arranjasse, os sustentasse e educasse. Temos de concordar que, nestas palavras, havia alusão a uma das muitas injustiças sociais. Mas, no final das contas, foi esta falta de natalidade que levou o govêrno francês a chamar, em defesa das suas instituições, soldados pretos e a perder a guerra.

O problema da natalidade anda relacionado com dois problemas de carácter social e, sobretudo, religioso: procriação e abôrto. O matrimónio é o officio da mãe. Quando dois jovens se casam e, ao mesmo tempo, dizem e fazem todos os possíveis e impossíveis para não ter filhos, estão cometendo um contrassenso: organizaram um matrimónio com outro fim que não o verdadeiro. Não querem filhos e querem casar-se? Vão junto de qualquer ministro cristão e perguntem-lhe se é capaz de encontrar na Bíblia defesa a uma idéia tão idiota. E não é verdade que seria ridículo para nós ter de citar os textos das Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamento em que a continuação da espécie é a razão primordial do casamento?

É certo que os casais, depois de constituídos, podem não ter uma vida económica elástica, capaz de suportar as despesas crescentes de uma família em progresso contínuo. É talvez necessário pôr algum entrave ao desenvolvimento demasiado da família. Ninguém é obrigado a fazer mais do que pode. Não estamos agora autorizados, neste ponto, a declarar pecado qualquer meio legítimo e legal que os conjuges tomem para evitar a continuação da espécie. Também não podemos ser tão precipitados que vamos aceitar todos os meios e, até mesmo, aceitar de forma absoluta tal acto.

Há porém o outro lado do assunto em que podemos ver claro. Quem, logo de início, constitue família na convicção que não quer nem pode sustentar filhos, melhor seria que a não constituísse. Ninguém o obriga a casar. Também depois de gerado o descendente, só resta pedir a Deus sorte para êle e saúde e pão para os pais. As pessoas que recorrem ao abôrto estão transgredindo e fazendo transgredir princípios bem claros das Sagradas Escrituras e do Código Penal. Com efeito, como interpretar o mandamento «Não matarás?» Haverá alguém que ignore ser legalmente permitido o abôrto só em casos muito especiais e quando feitos ao abrigo da medicina honesta? As parteiras que executem abôrto estão sujeitas a ser prêsas e castigadas. O seu diploma proíbe-lhes qualquer acto que não seja o parto normal, a não ser que tudo se passe na presença de professor. A Igreja de Roma, e com ela a maioria das Igrejas cristãs (para não sermos absolutos na nossa afirmação) pronunciaram-se sempre contrárias ao abôrto.

Aqui deixamos êste importante assunto para estudo de quem se interesse por êle.

A. D. G.

IMPORTANTE !

Oferta das assembleias

Rogamos a todos os Irmãos e Irmãs dos diferentes campos da União, que por ocasião das Assembleias Anuais se prontificaram a oferecer ao Senhor uma oferta voluntária de acção de graças, o favor de não deixarem atrasar demasiadamente a satisfação desse compromisso.

«Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo.»
(Ecl. 5:4).

DEPARTAMENTO DA ESCOLA SABATINA

O MONITOR

Preparação da lição

Procuremos primeiro compreender em que consiste esta preparação.

O que preocupa freqüentemente os monitores, como aliás todos os que têm de comunicar a outros certas noções, é encontrá-las as palavras necessárias; temem ser curtos, por não terem à sua disposição as expressões queridas. Nunca será demais dizer que o que é preciso a quem ensina são idéias de que êle esteja profundamente penetrado porque as compreendeu bem. Essas idéias, encontrá-las-á na Bíblia, nas suas experiências e nas suas reflexões pessoais, enfim nos livros. Infelizmente, encontrará também nêstes últimos, belas frases que o impressionarão, lhe agradarão, e que será tentado a repetir na explicação da lição. Tal repetição não conseguiria produzir o efeito desejado, porque ela fica necessariamente pessoal e fria. É «um metal que soa», não é um poder de convicção. Se o monitor, ao contrário, se prender à idéia interessante que acaba de encontrar, se a examinar sob o seu próprio ponto de vista, se a fizer sua adoptando-a de todo o seu coração, se ajuntar a ela o seu entusiasmo, a sua maneira particular e a exprimir por palavras bem suas, pelas suas palavras habituais e familiares, tem tôdas as probabilidades de ser compreendido e de fazer bem.

Posto isto, consideremos o monitor no momento em que prepara a sua lição. Diante dêle está a sua Bíblia, o seu trimensário da Escola Sabatina e possivelmente um número do excelente jornal *O Auxiliar da Escola Sabatina*. O monitor deverá também rodear-se, tanto quanto possível, de obras ricas em idéias profundas e em narrativas luminosas: livros da Ir. White, comentários, dicionários bíblicos e da língua, obras de história ou de geografia sobre os tempos e os lugares de que se trata na lição.

Em primeiro lugar aconselho-lo a considerar por um instante o título da lição tal como figura no trimensário. Isso lhe indicará em que direcção geral deve concentrar a sua atenção. Lerá atentamente tudo quanto está impresso entre o título e a primeira pergunta, para se pôr no ambiente do assunto. Se encontrar aí a indicação do texto ou das passagens bíblicas que fazem o objecto do estudo, tomará a Bíblia e lerá essas passagens com a maior aten-

ção, algumas vezes repetidas talvez, para bem se penetrar delas, e *sem se preocupar com as perguntas*. Se o texto bíblico nem sempre lhe parecer claro, lerá as passagens paralelas, estudará os comentários, examinará o sentido de uma palavra no dicionário, afim de colher tudo o que possa dos versículos a compreender e a explicar. Depois procurará conceber bem claramente as diversas partes de que se compõe a lição, sem perder de vista sobretudo o elo profundo que as une. E só então lerá as perguntas, procurando responder a elas, e acrescentar, caso seja necessário, as explicações, os comentários que o seu pensamento lhe fornece e que a sua memória lhe relembra. Mas não se prenderá a essas perguntas: elas auxiliaram-no a passar logicamente de um ponto para outro da lição, e agora vai libertar-se delas, a pontos de ser capaz, no momento oportuno, de interrogar à sua maneira. Por várias vezes voltará à lição, repassando mentalmente e na ordem estabelecida os pormenores que ela comporta, detendo-se sempre que se apresenta uma obscuridade, meditando sobre o lado teórico e prático das verdades sucessivas.

Se a lição não versar sobre uma passagem extensa das Escrituras (cena da vida de Jesus, capítulo de uma epístola, etc.) o método tem de ser um pouco diferente. Será necessário seguir logo as perguntas que figuram no trimensário e avançar lentamente, pesando cada versículo, cada frase, cada palavra, procurando depois o elo que une entre si as perguntas e os versículos citados. Dêste modo, em vez de uma vista de conjunto da lição, ver-se-ão primeiro os detalhes, as partes sucessivas; e só ao terminar se dará uma vista de olhos geral, repetida tantas vezes quantas fôr necessário para que o plano se torne perfeitamente familiar. Da mesma maneira que no caso precedente, cada passo no estudo da lição compreenderá as leituras, as investigações, as reflexões necessárias à inteligência do texto e à sua assimilação.

Mas insistimos: não julguemos que sabemos a lição quando conhecemos bem o texto bíblico, quando assimilámos bem as notas da lição, quando consultámos comentários e dicionários, quando fizemos o plano e somos capazes de responder a tôdas as perguntas do trimensário e a outras ainda. É preciso que ela se torne parte integrante do pensamento do monitor. O estudo propriamente dito não basta,

Só a reflexão, a meditação, a oração, a comunhão com Deus podem completar a preparação.

Também é bom que o monitor se volte sobre si mesmo, se entregue a uma espécie de introspecção a-fim-de ver o efeito que a lição produz sobre si. Poderá mais facilmente pôr-se no lugar dos seus alunos e dirigir as suas reacções no sentido querido. Compreendendo melhor os espíritos confiados aos seus cuidados, mais os amará.

O monitor diante dos seus alunos

Graças a uma preparação cuidadosa da lição e à busca constante da perfeição na maneira de ensinar, o monitor poderá apresentar-se com confiança diante dos seus alunos. Impregnado das riquezas espirituais da lição, encontrará o caminho das suas almas e dos seus corações. Não temais que êle tome diante dos seus alunos a atitude acanhada e embaraçada do monitor que não sabe a sua lição, constantemente obrigado a ter nas mãos três objectos : o trimensário, a bíblia e as notas. Não, suas mãos permanecem livres ; dispõe delas para sublinhas com alguns gestos muito sóbrios as passagens importantes do seu estudo. Por vezes pega na Bíblia para ler um versículo, mas conhece todos os da lição. Sente-se à vontade porque a lição está no seu pensamento, no seu coração e não sobre o papel. E isso lhe dá uma tal facilidade que êle já não quer outro método. Sua lição é êle mesmo. Êle traz não só o que sabe, mas o que é, o que sente no fundo de si mesmo. O aluno segue com um interesse crescente e renovado um ensino tão penetrante, tão elevado e tão verdadeiro.

Apresentação exterior

A apresentação exterior do monitor deve harmonizar-se com o espírito do ensino bíblico. O seu vestuário deve ser simples, sem extravagância, pessoal sem excentricidade. Inversamente, as maneiras negligentes, a desordem do vestuário ou do penteado, as nódoas, as unhas sujas, não são compatíveis com o carácter sagrado dêste ensino.

A voz

O monitor deve aprender a medir a sua voz de maneira que as palavras que pronuncia sejam distintas até aos limites da classe, mas ininteligíveis mais longe.

Atitude

A atitude do monitor tem a sua importância. Alguns apoiam os cotovelos sobre as costas

das cadeiras, outros inclinam-se para os seus alunos como se tivessem de lhes fazer confidências. Outros ainda permanecem hirtos, inflexíveis, como se estivessem cônscios da sua superioridade. Podemos inclinar-se ligeiramente para o aluno de quem esperamos uma resposta e tomar uma atitude sorridente, benévola, animadora, sempre maleável para evitar a monotonia mas reservada para marcar o respeito do lugar e do Livro.

Caracteres de uma boa lição

1.º Uma boa lição deve ser *adaptada* ao auditório.

2.º Deve ser *sóbria*. O bom instrutor deve saber mais do que ensina.

3.º Uma boa lição é *ordenada*, isto é, segue um plano nitidamente estabelecido de antemão.

4.º Deve ser *simples*. Lembremo-nos de que nem todos os alunos têm a mesma formação intelectual.

5.º Uma boa lição deve ser *curta*.

6.º Enfim, importa introduzir na lição um certo número de mudanças : o tom, o método, a atitude, a apresentação da lição devem ser modificados de tempos a tempos, para não resultar numa grande monotonia e por conseguinte numa dispersão da atenção. *M. Tièche*

(Conclusão da pág. 5)

futar, como p. ex. a clássica citação do livro apócrifo dos Macabeus ; Mat. 12:32 ; 5:26 ; 1 Cor. 3:13-15 ; 15:29.

O P. Pero Paez diz que êles não conseguiam responder. Não sei se outrotanto diriam os abexins dos missionários católicos se escrevessem a seu respeito... O que é certo é que, apesar de tudo, aquele letrado «a tudo isto respondeu rindo que lhe não satisfazia¹.»

Conclusão

Pelas linhas que precedem vemos que na Etiópia o problema do além permaneceu mais ou menos em bases bíblicas através dos séculos. E é tanto mais para admirar, quanto é certo que por vezes os abexins não sabiam dar razão da sua crença, e que apesar dos argumentos apresentados pelos missionários católicos a que não sabiam responder, alguma coisa de evidente se desprendia da Bíblia, que os levava a permanecer sólidos como rochedos.

Se, como já sabemos, os etíopes guardavam o Sábado e acreditavam mais ou menos como nós no estado do homem na morte até à vinda de Cristo, não eram êles em certo sentido autênticos Adventistas do Sétimo Dia ?

Ernesto Ferreira

¹ Ib., p. 504.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Movimento de Missionários — Na companhia de suas famílias, chegaram a Lisboa, em gozo de férias: no dia 30 de Maio, o Ir. Alberto F. Raposo, vindo da Brava, e que irá dirigir o trabalho no Funchal; e em 5 de Junho, o Ir. José Freire, vindo de S. Tomé, novo director dos departamentos da Missão Interior e Colportagem.

— Com um mês de férias, na companhia de sua esposa, encontra-se também entre nós, desde o dia 4 do corrente mês de Julho, o Ir. Manuel Lourinho, director da Missão dos Açores.

— Por intermédio da Divisão Sul-Europeia, foram pedidas algumas famílias missionárias para Angola. Eis um campo aberto às actividades dos nossos jovens obreiros. Infelizmente a seara é grande, mas poucos os obreiros.

Lisboa — Terminaram em fins de Maio as aulas do Curso Bíblico. Em Junho prestaram as suas últimas provas os cinco alunos finalistas: Arlindo Miranda, José Júlio Pires, Samuel dos Reis, Fernanda Marouco Ribeiro e Fernanda Mendes, tendo lhes sido concedido o respectivo diploma de Eficiência Evangelizadora. Encontram-se como evangelistas estagiários o Ir. Miranda, em Lisboa, o Ir. Pires, no Porto, e o Ir. Samuel, em Coimbra. As duas referidas irmãs, será dado trabalho até ao fim do ano corrente.

— As aulas do nosso Colégio de S. Paulo terminaram para os alunos do curso liceal, e para quasi todos do curso primário. No momento em que escrevemos esta nota ainda não são conhecidos os resultados dos exames, que no entanto, esperamos serão satisfatórios.

— Temos a registar mais alguns baptisms realizados ultimamente: um no dia 21 de Junho e seis no dia 28 do mesmo mês. Outras almas se preparam activamente na classe baptismal.

— Terminada a Grande Semana, a Igreja de Lisboa começa agora com novas forças a Campanha do Outono, que apesar de realizada no verão, irá sem dúvida constituir um belo êxito. Os grupos, que trabalham activamente, já trouxeram para o celeiro as primeiras gavelas.

— Aproveitando a presença de vários obreiros, a quem há muito não tínhamos o prazer de ouvir, tivemos, para iniciar a Campanha do Outono, uma concorrida Semana Missionária, de 5 a 12 de Julho, com pregações, acompanhadas de belas projecções luminosas, todas as noites.

— O Ir. Gregório da Silva Rosa, até ao presente porteiro do nosso templo, seguindo dentro em breve para uma campanha de colportagem no arquipélago de Cabo Verde, fica substituído pelo Ir. José Joaquim Laranjeira, que tem sido até hoje fiel colportor.

Vila Real de S. António — Já se encontra nesta igreja, vindo de Coimbra, o Ir. Karl F. P. Sommer, a quem ficamos desejando muito êxito no seu novo campo de trabalho.

Cabo Verde — No dia 20 de Maio deste ano, de regresso à metrópole, embarcava com a minha família no vapor *Vinte e oito de Maio* no porto da Furna da Ilha Brava, que foi o meu campo missionário estes últimos seis anos. No cais estavam um grupo

de irmãos e muitos amigos, cujos rostos, provavelmente, não voltaremos mais a ver neste mundo e o mesmo acontecerá com aqueles montes que nos rodeavam e nos eram tão familiares.

Deixámos naquela ilha trinta e tantos baptizados e uma dezena de candidatos. O trabalho está-se fazendo em dois logares onde temos os nossos membros, na igreja propriamente dita, situada na freguesia de N. Senhora do Monte, e numa sala alugada na formosa Vila de Nova Sintra. De todos trazemos gratas recordações e saudades por todo o carinho fraternal da parte dos nossos irmãos e por todas as atenções e amizade sempre dispensadas pelo povo e autoridades. Foram seis anos de boa convivência que nos tornaram verdadeiramente membros da família bravense e por isso mesmo não a poderemos esquecer.

Também na Ilha do Fogo deixámos um grupo de crentes na grande aldeia Ribeira do Ilhéu, situada ao norte a trinta e seis quilómetros da cidade de S. Felipe. Estes crentes eram já evangélicos quando



Grupo de crentes e interessados da Ribeira do Ilhéu — Ilha do Fogo

começaram a ler os nossos folhetos e depois de convite insistente fui com a minha mulher visitá-los nos fins de Fevereiro deste ano. O nosso bom irmão na fé Casimiro Barbosa Amado veio buscar-nos à cidade com duas mulas em que fizemos o percurso montados durante nove horas seguidas, através de interessante paisagem, ora por meio de campos que nos faziam lembrar o nosso Alentejo, ora descendo e subindo fundos vales vestidos de piteiras ou atravessando largos campos de carvão, faixas de lavas que descem de antigas crateras até ao mar. Em toda a Ilha se impõem os montes do vulcão que sobem até perto de 3.000 metros.

Infelizmente encontrámos o Fogo muito triste devido à grande fome que já estava grassando na maior parte dos lares, porque faltaram as chuvas, e quando isso acontece, o que é frequente, a condição da Ilha torna-se pavorosa. Contudo a parte menos afectada é a do norte onde vivem os nossos crentes que nos fizeram o mais caloroso acolhimento. Embora ainda não nos tivéssemos visto, já não éramos estranhos mas sim família e como tal fomos recebidos. Fizemos três reuniões diárias com boa afluência durante nove dias, fazendo estudos bíblicos e en-

saio de hinos. Deixámos uma sala alugada e o grupo organizado para realizarem dois cultos por semana—o do Sábado e o da reunião de oração às quintas-feiras. Estes queridos irmãos, cêrca de vinte e tantos, ficaram esperando nova visita para realização dos baptismos.

O resto do tempo do intervalo das viagens do vapor passámos na linda cidade de S. Felipe onde nos relacionámos com algumas das melhores famílias que ali residem e muitas pessoas mostraram empenho em que também ali abrissemos o nosso trabalho, e principalmente os nossos bons amigos que tão amavelmente nos receberam em sua casa, dispensando-nos as suas melhores dependências, os quais estão prontos a alugar-nos em boas condições uma bela casa independente com ampla sala de culto e residência do obreiro, num óptimo local, caso possamos fazê-lo no princípio do próximo ano.

Não podemos nem queremos também esquecer-nos dos nossos bons irmãos e amigos da Ilha do Fogo e ficamos pedindo a Deus que, tanto os nossos queridos irmãos e amigos da Brava como os do Fogo, os possamos encontrar no reino eterno.

A. F. Raposo.

S. Tomé — A 19 de Maio tomámos passagem a bordo do vapor *João Belo* Naquêl mesmo dia levantámos ferro e pela tarde, já tarde, ao pôr do sol, antes que no horisonte, quer pela distância quer pela escuridão desaparecesse à minha vista, dirigi pela última vez o meu olhar para a terra, para a ilha de São-Tomé, canto do mundo no meio do Oceano, onde passei perto de quarenta mezes trabalhando na obra de Evangelização.

De traz de mim ficava uma igreja recém-nascida. Deus deu-me o privilégio de poder sepultar nas águas do baptismo trinta e uma almas. Estas almas



Cerimónia baptismal na Missão de S. Tomé

cheias de entusiasmo e de fé na volta de Jesus fizem-me portador de muitos cumprimentos cristãos para todos os irmãos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Em São-Tomé, como em todo o mundo, os crentes esperam formar um exército dirigido por uma só fé e um só baptismo esperando o cumprimento das promessas de Jesus em que Ele trará o galardão a todos.

Durante a viagem, rodeados de perigos e ante os vestígios de lutas desesperadas, aqui se encontrava uma baleeira e ali uma jangada; mais adiante via-se óleo que cubria as águas do mar e tantos outros sinais que nos revelavam que dias antes se tinham de frontado embarcações inimigas e como resultado

ainda que navegávamos sôbre uma grande massa de água, debaixo daquêl mar, estavam sepultadas incalculáveis riquezas que os povos impelidos por um espirito de ambição procuravam fazer desaparecer. Pensava, dizia para mim: quão ditoso seria o mundo, os povos, se êles procurassem uma paz sólida nas belas práticas do Evangelho. A voz de Jesus ainda se faz ouvir: «Vinde, vinde que eu tomarei sôbre Mim o vosso fardo». Jesus não quer só tomar a nossa cruz, Ele quer também segredar-nos ao ouvido: «A uma distância de oitenta milhas ao norte de São-Tomé está a ilha do Príncipe onde ainda as novas do Evangelho se não fizeram ouvir.

José Freire.

SUMÁRIO

<i>A Campanha pró-Missões</i>	1
<i>Avancemos!</i>	2
<i>Um reconforto na hora presente</i>	3
<i>O Problema do além na Etiópia segundo os escritores Portugueses</i>	4
<i>Através do mundo Adventista</i>	6
<i>Vale a pena ter Escolas?</i>	8
<i>A cabeça descoberta na igreja e as senhoras</i>	9
<i>A Juventude Indispensável</i>	10
<i>A Família Cristã</i>	11
<i>Assunto para estudo</i>	12
<i>O Monitor</i>	13
<i>Notícias do campo</i>	15

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *A. Dias Gomes*
Redactor: *Ernesto Ferreira*
Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,
Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00
Assinatura anual..... 5\$00

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.ª
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA